

Um crime quase Perfeito

Inácio Dantas

"Qualquer semelhança com pessoas ou fatos terá
sido mera coincidência".

Romance Policial

® Biblioteca Nacional (São Paulo - Brasil)



Maison
Editora



© Copyright by

Inácio Dantas

Vers. 3.1.3 – 04/2023

EAN 978-15-201-6735-0

Euclides da Cunha – Bahia, Brasil.

Índice:

Prólogo	5
06 de Julho de 2006 - (Quinta-Feira)	7
I.....	7
II	13
III.....	14
IV	16
V.....	17
VI.....	18
VII	20
VIII.....	21
07 de Julho de 2006 - (Sexta-Feira)	23
I.....	23
II	28
III.....	30
IV	32
V.....	33
VI.....	36
VII	37
VIII.....	39
IX.....	48
X.....	49
XI.....	52
XII	57
XIII.....	59
XIV	62
XV.....	65
XVI.....	67
XVII.....	77
XVIII.....	80
XIX	81
08 de Julho de 2006 - (Sábado)	83

I.....	83
II	86
III.....	88
IV	90
V.....	92
10 de Julho de 2006 - (Segunda-Feira).....	97
I.....	97
II	103
III.....	106
IV	109
V.....	110
VI.....	112
VII	114
VIII.....	118
11 de Julho de 2006 - (Terça-Feira)	121
I.....	121
II	123
III.....	126
IV	132
V.....	133
VI.....	136
VII	139
VIII.....	142
IX.....	146
X.....	150
XI	157
XII	158
XIII.....	161
XIV	163
XV.....	165
XVI	168
12 de Julho de 2006 - (Quarta-Feira)	171

I.....	171
II	174
III.....	176
IV	181
V.....	183
VI.....	185
VII	188
VIII.....	193
IX	196
X.....	198
XI.....	202
XII	203
XIII.....	208
XIV	209
XV.....	213
XVI.....	215
13 de Julho de 2006 - (Quinta-Feira)	218
I.....	218
II	222
III.....	225
IV	227
V.....	228
VI.....	235
VII	236
VIII.....	239
14 de Julho de 2006 - (Sexta-Feira)	241
I.....	241
II	242
III.....	243
IV	245
V.....	247
VI.....	248

VII	252
VIII	253
IX	255
X	256
XI	264
XII	266
XIII	270
XIV	271
XV	274
XVI	278
XVII	279
XVIII	281
XVIX	283
XX	285
XXI	287
XXII	293
XXIII	300
XXIV	303
XXV	304
XXVI	305
XXVII	309
15 de Julho de 2006 – (Sábado)	312
I	312
II	314
III	315
IV	317
V	318
VI	320
VII	323
Inácio Dantas - Relação de livros editados:	326

Prólogo

Um crime na calada na tarde/noite... Um corpo jaze na sala de um renomado consultório médico... Quem teria entrado, após o expediente da doutora Regina e praticado tão hediondo crime?

As histórias de amores “errantes” são muitas no mundo real. A realidade se co-relaciona com a ficção... Ter alguém, e o possuir, é diferente: é uma posse que não se possui, é um ter o que não se tem... Só o amor une, não o dinheiro ou o simples papel assinado nos degraus do altar...

O fato é que uma médica de sucesso na sua área de atuação, que vivia um casamento fracassado e o troca por um novo amor, tem sua decisão assinada por tintas de sangue – no caso, de suas próprias artérias...

Mas, quem teria motivos – e coragem tanta – de calar a vida de um ser inocente? Por que o ódio e interesses podem sobrepor-se à dignidade humana, às leis dos homes, às leis de Deus?

O fato é que a jovem médica, mãe e esposa, encontra-se sem vida dentro de seu ambiente de trabalho, vitimada por mãos estranhas, cujas razões e interesses se desconhecem... E o investigador Tony Zamprona, apoiado por sua eficiente equipe, se inclinará para decifrar os porquês – e colocar atrás das grades o autor, ou autores, desse nefasto crime.

Acompanhe os capítulos da história. Você, leitor, irá se surpreender com a trama que envolve uma história tramada com detalhes cruéis,

requisites de cobiça, manipulações interesseiras, onde o final, lamentavelmente, não é feliz...

O Autor

06 de Julho de 2006 - (Quinta-Feira)

I

Dra. Regina Valadares, em sua sala, analisava exames de ressonância magnética e redigia os últimos laudos médicos dos seus pacientes...

O relógio marcava exatos 18:50h. Seu consultório fechara para o público, mas ela prosseguia em seu trabalho interno, incansável, com dedicação e profissionalismo. Lá fora o clima era frio. E garoava. O vento, buliçoso, ricocheteava na vidraça e sacudia as persianas. Embora a temperatura da sala estivesse aconchegante, fiapos de ar congelante entravam pelas frestas da janela e inundavam o recinto. Era o inverno com seu manto de gelo envolvendo a cidade e dando mostras de que, além do frio, os dias seriam curtos e as noites longas...

Compenetrada em seus afazeres, alternava o olhar entre os papéis e as chapas médicas. Vez por outra o fecho de luz dos faróis dos carros no lado de fora penetrava pelo vidro entre as persianas, clareava o ambiente e se dissipava. Cabisbaixa, estava apressada em redigir os diagnósticos para os pacientes. Além de tudo, da pressão dos clientes e compromissos sociais, vivia

ultimamente em meio a um turbulento problema pessoal. Ressalte-se, não problema financeiro, esse de certa forma era mínimo, bem administrado e estava sob controle. Eram problemas no plural, mas de ordem passional. Sim, aqueles problemas que vêm do âmago do ser, o amor, e quando vêm quem os controla ou os segura? Tentava mitigá-los e esgarçá-los para que se dissipassem no subconsciente. No entanto, renitentes voltavam e a deixava apreensiva. “Sentimentos amorosos não se esvaem assim”, pensava ela, “como bruma da manhã aos raios do sol. Eles ficam na mente e no coração a ribombar como ondas nos penedos à beira mar, intermitentes. Quando, nas inter-relações matrimoniais, a teia dos sentimentos não têm os nutrientes do amor, os filamentos rompem-se facilmente. E é irreatável. Algo como um tendão que se rompe e as duas pontas se separam e se distanciam”. Ela vivia esse momento crítico. Sentia a distância, o esfriar das labaredas que ardem nos corpos dos amantes, pois o fogo não queima nas cinzas, e quando a chama do amor extingue-se, a separação se cauteriza. É causa e efeito, um caminho bifurcado para dois destinos em dois pontos cardeais distantes e divergentes. Assim findam-se belas histórias principiadas no altar e sacramentadas na certidão conjugal...

Por mais que ela tentasse dividir-se entre trabalho e amor, de forma racional e equilibrada, uma das duas opções ficava mais prejudicada que a outra, posto que o coração é um só, o pêndulo do ser, e tende a agir numa direção que ele próprio controla, e nós somos os controlados. E o coração dela era uma usina de onde ultimamente irradiava pouco lúmen de felicidade e muita

escureza de aborrecimento. Não obstante, naquele momento o trabalho sobrepunha-se e assumia um primeiro plano. Haviam dores a serem abrandadas, doenças a serem curadas, vidas a serem salvas. E “salvar” a sua própria vida, naquele estágio, ficara em segundo plano... Tinha de carregar o estigma - divorciar-se do marido e conviver em harmonia com seu novo amor, outro médico, também com um divórcio em fase final.

Por um segundo, cansada, empilhou as chapas médicas, empurrou o bloco de receitas médicas para o canto da mesa e pôs-se a refletir sobre as últimas cenas com o marido em casa, quando ele em voz alta vociferou com o dedo em riste, em tom ameaçador:

-Não dá mais Regina. Está insuportável. Definitivamente nosso casamento é um fracasso!

-É um fracasso, Martin, porque você esqueceu seu papel de pai e de marido. – Ela retrucou olhando-o fixamente nos olhos, faiscantes, temerosa de alguma reação abrupta, a qual, por mais que discutissem, nunca se efetivara. Mas ela temia, pois no trabalho ele tinha promovido algumas confusões intempestivas.

A lembrança desse ríspido diálogo estava latente em sua memória, desde o início do ano, quando ele resolvera “definitivamente fazer as malas, deixar a família e morar num apart-hotel “provisoriamente””, segundo lhe dissera.

Ela, por sua vez, decidira reerguer-se emotivamente e construir uma vida nova. Recuperar o tempo e o amor perdido, dar-se uma chance de ser feliz novamente. Sabia que havia uma grande lacuna de alegrias a ser preenchida e um amanhã de desafios que deveria enfrentar. E queria, não contorná-lo, mas transpô-lo. Dentro de si a emoção se movia mais forte que a razão. E o que um coração desamado não faz ao encontrar um novo amor?

Ela estava sozinha no consultório. Os últimos clientes, retardatários, há muito foram atendidos e se retiraram. Sua secretária cumprira o horário de expediente e também a deixara, ouvindo dela a enganosa promessa “também estou indo, já, já...” E se passara mais de uma hora, desde então...

Lá fora a garoa aumentava, o vento recrudescia e desfolhava a verdejante copa dos fícus no pequeno estacionamento na entrada do consultório, espalhando folhas na calçada num redemoinho intenso. A recepção do consultório estava clara. E vazia.

De repente, rompendo o silêncio, o telefone tocou. Num gesto preguiçoso ela estendeu o braço, pegou o aparelho e o retirou do gancho. Porém, ao atender só deu tempo de ouvir, do outro lado da linha, o som de uma respiração abafada e em seguida o “toque” de “ocupado”. Pensou, “tem gente que não tem nada pra fazer e fica brincando com o telefone uma hora dessas...”. Bocejou, esfregou os olhos cansados, colocou os óculos e conferiu o relógio. Disse para si mesma que “já é hora de ir” e deu por encerrado os trabalhos. Recolheu os exames e as fichas médicas

e os colocou nas pastas do arquivo. Fechou as cortinas da janela e trancou as gavetas da mesa. Demorou-se mais alguns minutos arrumando-se para sair. Desligou o computador, a impressora e apagou as luminárias da sala. Nesse exato instante, furtivamente, um vulto a surpreendeu por trás quando girava a chave para fechar a porta da sala. Seu corpo, agarrado violentamente, foi erguido no ar por braços fortes e, embora lutasse contra o agressor e gritasse por socorro, ninguém lá fora podia ouvi-la. A rua estava erma. O vento lá fora sibilava e a porta de entrada estava trancada. Nenhuma alma vivente passava por ali naquele momento para que seus gritos de agonia fossem ouvidos. Ela estava só, suspensa por braços estranhos, pernas bailando no ar, chutando seu agressor, paredes, móveis, porta... Tentava se desvencilhar, mas sua força era limitada. Estava, lentamente, sendo sufocada e sua voz, pouco a pouco, se esvanecendo junto com uma sôfrega respiração. Transcorreram, talvez, apenas dois minutos... Uma eternidade para o agressor; um breve instante para a vítima. Seu corpo, sob as vestes brancas da paz, jazia sob a violência, estendido no chão junto à porta da sala entreaberta. O agressor, para completar “seu trabalho”, abriu a bolsa que ela levava e subtraiu valores - dinheiro, cheques, cartões de crédito... Desprezou apenas o aparelho celular. Vasculhou, ainda, seu corpo e apossou-se das suas joias. O relógio que ela tinha no pulso, cuja pulseira se rompera, também desprezou: na luta ficou danificado por uma pancada na parede. Por fim, antes de evadir-se, tomou derradeiras precauções. Dirigiu-se ao sistema de “circuito interno de TV”, subiu numa cadeira e quebrou abruptamente a câmera. Pouco se preocupou que seu rosto fosse

ou não gravado, pois o escondia sob um “gorro de motociclista”. Também não se incomodou com o fato de manusear os objetos, pois usava luvas de couro para não deixar impressões digitais. Em seguida desligou o aparelho de videocassete, desconectou os cabos e fios. Ejetou a fita que gravara sua entrada no recinto, seu corpo e seus movimentos, e atirou-a com ímpeto contra o chão e a pisoteou. Pegou uma sacola plástica do consultório e recolheu dentro os fragmentos da fita. Desligou as luminárias, encostou a porta e saiu. Seu carro estava à porta, estacionado. Em seguida, cantando os pneus, tomou a avenida em direção central e se evadiu. Duas quadras à frente parou rapidamente ao lado dum prédio em construção, onde sob a calçada havia uma caçamba de entulhos e livrou-se da sacola atirando-a dentro, entre o lixo e os restos de construção. Em fuga, tomou rumo incerto e ignorado. Para trás, deixou um rastro de aniquilamento, uma vida pulsante que calara-se para sempre, um corpo inocente esfalecido no chão frio... Dra. Regina, olhos verdes sob a lente trincada dos óculos, olhos de um verde intenso como esmeralda ao sol, olhos verdes como a planura do mar em ondas calmas... Pálpebras rijas, semicerradas, emolduraram-se fitando o espaço vazio em direção ao nada. Suas pupilas esconderam cenas esmaecidas, gritos silenciosos de dor e pranto. Suas últimas lágrimas borbotaram nos cantos dos olhos, qual pequenos aljôfares cristalizados segredando na retina seus derradeiros segundos de vida... Suas mãos, que tanto salvaram vidas, agora lutaram para salvar a sua própria: foram tentativas desesperadas para desvencilhar-se, e afoitamente arranhar os braços, o corpo, o rosto do algoz. Sua face, de contornos suaves e pueris, estampava o horror do

momento. Nariz bem delineado, a escorrer filetes de sangue congelado, lábios enegrecidos, que outrora eram botões róseos vivazes entreabertos num sorriso que reverberava doçura, embalado pelo som da voz doce e melodiosa, eram o retrato de um crime onde as razões levaria para a eternidade. Dra. Regina era uma luz fulgente que se apagara na escuridão retinta. Todo um projeto existencial findara-se, esvaíra-se, chama volátil ao bulir do vento... foram segundos, mera questão de segundos...



Quem praticou o crime se foi... mergulhou nas ruas chuvosas da cidade, qual espectro que abre uma fenda nas sombras, que ao fechar-se tudo volta a ser sombra novamente. Deixou para trás, impregnado no ar, no consultório de vidas o cheiro da morte. A certeza da impunidade levou-a na mente assassina, mãos ainda permeadas de sangue inocente. E, por certo sorriu o riso insensível de quem faz o mal e vai à igreja tomar a hóstia... com a firme convicção de um crime perfeito e de que jamais será descoberto...

Porém, há crime perfeito? Em verdade, todos os crimes desvendados mundo afora, ao serem executados julgaram-se perfeitos. E todo crime, por melhor planejado e por mais bem executado que seja deixa sempre resquícios de falhas - às vezes

pequenos e imperceptíveis aos olhos humanos, mas grandes e captáveis aos olhos biônicos da tecnologia. Seus autores, sob a capa invisível do pré-julgamento da "perfeição", tentam se esconder das investidas da justiça. Em vão! Os tentáculos onipresentes da lei chafurdam-se no lodo do submundo da criminalidade, movem montanhas de lixo e ergue-se límpido e exitoso: investigam o investigável, descobrem o indescobrível, e punem quem se julga impunível...

Os braços que apertaram o *nó do laço* que calara o ar da vida da médica creu nessa tese e fiou-se na ausência de vestígios do crime. Nada ele deixou para trás, assim pensou... Sua prudência para tudo esconder, e esconder-se a si próprio, foi notória. Esse roteiro bem traçado do assassinato pareceu deixá-lo incólume, solto, consciência serena. Teria sido isso fruto de um planejamento prévio e bem ensaiado, e que o manteria a salvo sob o biombo da "falta de provas", como se tudo desaparecesse por um passe de mágica?... Em verdade, todo assassino deixa marcas das suas digitais, se não no crime, então como energia negativa no cosmos. E como uma raiz que fica a hibernar no deserto, que ao vir a chuva brota uma nova planta, a raiz do crime, sepulta, mais dia menos dia sob as águas da verdade aflora e é desvendado...

Dra. Regina Valadares era uma profissional conceituada no bairro e na classe médica local. Médica pediatra, quarenta anos, um filho, vivia um irônico antagonismo em sua vida: de um lado a ascensão na carreira profissional, de outro um desastre na vida pessoal. Seu processo de separação litigioso se agravava trazendo-lhe sérios problemas e grandes aborrecimentos. Seu marido, Martin Valadares, quarenta e três anos, um jornalista de capacidade mediana, a trocara por uma colega de trabalho, Priscila, também jornalista, mais jovem, bonita... e esperta... Embora fosse ainda um relacionamento sigiloso, havia um agravante: ele não era o único na vida dela. Sua “nova” namorada tinha um “velho” alguém, há muito tempo, e estavam em conluio para “aplicar” um golpe, sabedora que breve ele poria a mão em cinquenta por cento de alguns milhões. Em verdade, até aquele momento, o acerto da divisão dos bens entre Martin e Regina transformara-se numa batalha campal de processos e fóruns. Ofensas, humilhações de parte a parte, eram pólvora pura para fazer eclodir uma disputa sem precedentes. No embate dos advogados, nada indicava que ele seria agraciado com facilidades de receber o que, muito certamente não trabalhara para ter. Por outro lado, ela, resignada no seu papel de mulher e de mãe, não abria mão da sua parte no patrimônio e nos destinos do filho; ele, em tom democrático, deixava para o filho a decisão de com quem ficar, pois “era um rapaz crescido, emancipado, e já podia decidir por si próprio”, dizia. Porém, no tangente a bens e valores era irreduzível: fazia questão dos centavos. E o impasse estava aberto. Pelo visto, o divórcio entre os dois seria escrito em papéis escuros com tinta de sangue...

IV

Priscila Moura, trinta anos, de uma família de cinco irmãos, era oriunda de uma pequena cidade no interior paulista. Formada em jornalismo, viera para a capital para tentar a sorte e encontrar um bom trabalho na área. O que, de certa forma, não fora difícil. Com sua beleza encantadora, corpo escultural, e, sobretudo com uma educação burilada pelas mãos rijas da família, mas afetuosas no trato, saíra-se vencedora na sua procura: conseguira um emprego de estagiária numa conceituada empresa jornalística. Depois de alguns meses, com as suas qualidades e competência, firmara-se, passando a ocupar um cargo na redação, já na condição de contratada.

De uma infância pobre e de dificuldades, queria muito mais. O mundo? Quem sabe! O fato é que jurara para si mesma deixar a vida de pobreza e de sofrimento, “nem que eu tenha que vender a alma, não quero nunca mais sentir a dor das privações!”.

Durante um ano exercera eficientemente suas funções. Nos últimos oito meses, fora alocada numa sala contígua à de Martin. Assim, nas idas e vindas pelos longos corredores da redação, aliada à afinidade no trabalho, ambos acabaram estreitando uma amizade que culminou, por parte dele, num convite para “saírem para se conhecerem”. Ela, sabedora da sua condição de casado,

deixou claro que seria, de fato, somente para se conhecerem, sem conotação outra qualquer. Martin, coração angustiado, carente de afeto, uma vez que há bom tempo estava às turras com a esposa, fez desse momento com Priscila o nascedouro de algo maior. Sentia-se no paraíso quando estava com ela, inalando uma química que o fazia sair do eixo e desconcertar-se - uma mistura contagiante de doçura, sedução... Esperta, ela entendeu que ali poderia estar um “bom partido”, e que muitos dos seus problemas poderiam, enfim, ser resolvidos. Não demorou, pois, a assentir aos seus apelos de namoro. Sigiloso, no início, mas com o tempo não havia quem não soubesse do idílio entre os dois, sob a promessa, dele, de “algo sério, tão logo estivesse divorciado”...

Entretanto, como sombra negra que insiste cobrir a luz das pessoas que têm um passado com uma história mal escrita, havia um alguém por quem ela se apaixonara e vivera um intrépido romance. No seu diploma de bacharel ela trazia indelevelmente marcado, desde o primeiro ano de faculdade, o nome de Alberto, rapaz que conhecera no campus. Com ele, qual um destino escrito por mãos invisíveis, no futuro dividiria momentos importantes da sua existência...

Dr. Silvano Vidal era um médico cardiologista com especialização internacional, e dirigia um hospital de referência no centro de Campo Alto. Cinquenta anos de idade, descasado há dois, tinha uma filha de dezenove morando fora do país. Vivia num grande e confortável apartamento nos Jardins, bairro nobre da capital paulista, e há pouco iniciara um relacionamento com a Dra. Regina. Entretanto, ele tinha uma grande preocupação pela frente: com a sua ausência no lar, sua ex-esposa, Leonora, entrara em crise depressiva e falava reiteradamente em vingança. E essa palavra ficava nas entrelinhas das suas falas, subentendida como “qualquer coisa”, que poderia ser desde um simples xingamento a uma ação desabrida. Ela, inconformada com o divórcio e a solidão, ainda que nada material faltasse para si e a filha, seus dias eram um poço vazio existencial. Dizia pelos quatro cantos que, “como ela não era feliz, ele também não haveria de ser; se o marido arranjasse um novo alguém sua vingança seria exemplar...”. Dr. Silvano, ciente das repetidas ameaças, ainda que as considerasse um blefe, agia com cautela. Não tinha certeza se a “ex” iria cumprir o que prometia, mas não pretendia se arriscar. Por isso era comedido nos seus atos, discreto nos relacionamentos e, por sorte, encontrara alguém que o entendia e se coadunava com seus pensamentos e ritmo de vida.

Leonora Rosenberg Vidal, quarenta e quatro anos, era uma mulher atormentada, com sérios transtornos psíquicos. Seus problemas surgiram e se agravaram com a separação do homem com quem estivera casada por quase vinte anos, a quem amara e fora amada com toda a expressão do termo amor, e do fruto dessa união tivera uma filha. Com seus motivos listados nas folhas do tempo – dedicação, renúncia de grandes sonhos, afeto -, não aceitara a separação unilateral do marido. “Se as razões forem carinho e afeto, o Dr. Silvano não tem porquês para me deixar.”, repetia como um mantra de autodefesa, jogando a culpa no outro, aos parentes e amigos, ressaltando que era mulher na acepção da palavra. Evidentemente que há certas coisas na vida de todo casal que foge aos horizontes do amor, da paixão e do sexo. É algo visceral, inexplicável. Uma caixa de Pandora que, ao abrir-se, surpresas mil saem pelos quatro lados. Uniões com pompas e festas comunais, quantas vezes não duram um verão? Isso talvez tenha até raiz transcendental, algo de caráter espiritual. Pode uma parte de um relacionamento ir às mil maravilhas, mas entre este e a felicidade plena abre-se um abismo impenetrável. E era esse abismo que estava se alargando, aprofundando e separando cada vez mais o casal. Somente os dois, entre quatro paredes é que poderiam nominar o que os faziam juntos tão separados... Ainda que houvesse reiteradas tentativas de conciliação, os dois, definitivamente, não tinham um pelo outro uma força passional capaz de sepultar qualquer divergência e fazer reemergir o amor, puro, belo, cristalino, com todo o seu esplendor. Assim, sabedor que a infelicidade batia-lhe à porta do coração, o amargurava e até interferia no seu trabalho, Dr. Silvano, antes de deixá-la

entrar, acionara um pedido de divórcio. E este, não assimilado por Leonora, era o embrião de helênicas batalhas...

VII

Campo Alto é um bairro de classe média com todos os requintes de classe alta. Localizado na zona sul de São Paulo, estende-se numa uma região de alta concentração demográfica para sua pequena extensão territorial.

Na parte leste fica instalado seu parque industrial, com empresas de tecnologia de ponta e acesso a autoestradas com largas pistas, propiciando um bom corredor de exportação. Na parte central localiza-se o núcleo do setor comercial. Na parte oeste, a região baixa, é cortada pelo Rio Águas Turvas, local de sérios e recorrentes problemas de transbordamentos nas épocas das grandes chuvas.

Sua avenida principal, que praticamente divide o bairro em norte e sul, é a Campo Alto. Cortada pela avenida Flores Eternas, nome escolhido em razão do jardim suntuoso que se estende por todo o seu percurso. Em particular, é uma área nobre, de lazer e de atividades culturais. Ali, inebriando o ar, inspira-se uma mistura heterogênea de perfumes de múltiplas essências que exalam das flores, além de contemplar-se uma plêiade mágica de

pétalas dos mais variados matizes esparzidos pelo vento, a fazer dueto com o cantar melodioso de canários, bem-te-vis e pintassilgos. Conta, ainda, com parques e bosques aprazíveis, bem cuidados, e com a sombra generosa de imponentes árvores centenárias.

Em sua área leste, divisa-se com importantes bairros como Suzanópolis, Vila dos Manguezais, e Ituperanga.

Nos registros de ocorrências policiais constam que ali, apesar da ativa vida noturna, é de baixa taxa de criminalidade, posto que é uma região tranquila e de população ordeira.

A delegacia, décimo-sétimo distrito policial, é um prédio encravado nessa área, derivando para a região central. No outro extremo, logo no início da parte sul, sua parte mais alta, está a avenida das Campânulas onde está localizado o consultório pediátrico da Dra. Regina Valadares...

VIII

Passava das 23:30h quando Caio, dezoito anos, filho do casal Valadares, deu pela ausência da mãe. Estava deitado, cochilando. Despertou de súbito e levantou-se apreensivo. Foi ao quarto da empregada e questionou-a se a mãe havia chegado ou mesmo

feito alguma ligação. A resposta foi negativa. Inquietou-se com a ausência materna, pois normalmente ela fechava o consultório e por volta das 20:00h estava em casa jantando. “Algo está errado”, pensou. Saiu para a sala, pegou o telefone e ligou para o consultório. O telefone tocou cansativamente e ninguém atendeu. Tornou a ligar duas, três, quatro vezes e nada. Como derradeira alternativa ligou para a casa da secretária, que confirmou ter saído às 17:30h e a deixado trabalhando. Sugeriu-lhe que talvez ela tivesse ido ao hospital, pois havia um paciente com sérios problemas de saúde. Caio assentiu. Conformou-se com a sugestão, uma vez que a mãe, não raras vezes, saía “correndo” no meio da noite para atender crianças doentes - razão até para brigas domésticas com o pai. Voltou para o seu quarto e deitou-se, confortando-se com o pensamento que “logo, logo, ela vai estar em casa”...

07 de Julho de 2006 - (Sexta-Feira)

|

-Alô Tony, bom dia.

Eram 7:20h quando Tony Zamprona atendeu o telefone na sala de sua casa, ouvindo o som das palavras num tom doce e suave. Era Linda Reis. Já há dois meses estavam a namorar, num romance envolto de paixão, ternura e cumplicidade. Era um sentimento recíproco, forte, verdadeiro. Depois de tantos anos de solidão, e com o falecimento de sua mãe a quem dedicara parte de sua vida, pois fizera uma promessa a seu pai, também falecido, que iria cuidar dela até a morte, ele encontrara alguém com quem iria reescrever no seu coração a história viva da felicidade. Agora a felicidade de ter um par, alguém para caminhar rumo ao porvir e dividir os desígnios da existência. Ela, dona de uma beleza encantadora e simpatia radiante, também vivia a percorrer as estradas dos sentimentos à procura de alguém, de um novo amor. E, pelo que parecia, os dois se encontraram numa completude singular.

-Alô, Linda, bom dia. Tudo bem?

-Melhor agora... Estou com saudades. Não vejo a hora de iniciarmos nossas férias. Parece mentira...

-Mentira? – Ele sorriu. - Mas é verdade! Sabe, a gente passa tanto tempo procurando alguém, que ao encontramos a vida renasce, como de uma semente renasce uma nova planta...

-Concordo, Tony. No meu caso, acho que estou à procura desse alguém desde a “outra vida”... – E também sorriu - Está tudo confirmado, passagens, hospedagem, passeios...?

-Já está tudo Ok. Inclusive o andamento dos trabalhos lá na delegacia. Segunda-feira já estaremos zarpando. E seu trabalho aí na TV, está confirmado o afastamento?

-Sim, confirmadíssimo. Ah, não esqueça que lá faz muito sol e calor. Prepare filtro solar, roupas leves...

-Não esqueci desses detalhes. Já estou a preparar as malas. Vemo-nos à noite. Um beijo e ótimo dia.

-Outro, Tony, bom trabalho. Cuide-se. Nos vemos à noite...

Enfim, Tony Zamprona ultimava seus preparativos para sair de férias. Justas e merecidas. Depois do árduo e intenso trabalho, riscos e pressões para solucionar os intrincados casos da "Internet" (do livro “Assassinato Pela Internet”) e do assassinato de Diana Montenegro (do livro “Um Vulto Entre As Cortinas”), além das elucidações e prisões em diversas outras ocorrências de roubos, furtos e ações de facções criminosas, tinha chegado a hora

de destinar um tempo para si próprio. A carga de trabalho e estresses enfrentados nos últimos tempos lhe extenuaram e novos ares e novas paisagens lhe seriam, na alma, como hemoglobina no sangue, restabelecendo-o física, mental e emocionalmente. Além do passeio, a viagem, o descanso que programara, havia o namoro recém-iniciado com a repórter da TV do canal de “42”. Ela, que várias vezes nas cenas de crimes o entrevistara profissionalmente, como uma mera profissional no cumprimento das suas funções, agora o tinha como alguém íntimo, ao seu lado, sendo parte da sua vida. Todo esse conjunto de fatos era um êmbolo propulsor de uma alegria que cintilava em seus olhos, gestos, palavras e comportamento. Emotivamente envolvido, agora quando seu celular tocava ele tinha uma nova razão para atender: Linda, sinônimo entre o nome e a mulher. Ela, por sua vez, compartilhava as mesmas emoções e abria seus sentimentos para reflorir emoções que se escassearam em seu coração. Vivia, com ele, um novo momento, como alguém que viaja nas asas de um sonho colorido. Os dois, numa sinergia mágica, viviam a completude da felicidade: felizes no trabalho, felizes na união, binômio que lhes reverdeciam corpo e alma.

Estava tudo agendado e programado para ficarem uma semana no nordeste, na cidade de Salvador, Bahia. Chegaram a cogitar em fazer uma viagem internacional, mas naquele instante bastava-lhes um projeto menos ambicioso. Ademais, o importante de uma viagem não era exatamente para onde iam, mas efetivamente com quem iam... E os dois, um para o outro, mesmo no lugar mais rústico se transformaria num paraíso.

Linda, por sua vez, de uma família tradicional, era meiga, culta, bem articulada e recebia dos pais todo apoio para o que decidisse na sua relação amorosa com o policial. Ressalte-se que os dois já eram vividos e experientes em matéria de relacionamento, afinal quem “sofreu uma vez a dor do amor cria “anticorpos” no sentimento e deixa-o mais fortalecido”, pensava, lembrando ter lido essa passagem em algum livro de autoajuda. A verdade que ela vivenciara experiências recentes de relacionamentos fracassados e precavia-se. Usava esse pretérito amargo como vacina para não mais repeti-lo. E, felizmente, o amor retornara e entrara pela porta central do coração, e ela o abria para a entrada de alguém que ali faria morada...

O hotel à beira-mar estava reservado. Paraíso para um merecido descanso. Coqueirais ensombrados, piscinas de águas azuis, quadras poliesportivas... A brisa fresca do Atlântico soprava qual ar-condicionado com suas pás movidas pela força-motor da natureza. O sol espalhava-se por aquela belíssima obra arquitetônica que sobrestava na praia, onde as ondas calmas e espumosas vinham repousar... Transbordavam euforia, felicidade, expectativas incontidas, planos, a dois milimetricamente calculados... Qual fotos na íris da memória, projetavam o pensamento contando os minutos para, enfim, estarem entre as nuvens voando para a acolhedouro recanto. Os minutos, ah os minutos, esses pulsavam lentamente no relógio do tempo...

Após vários relacionamentos de amores fugazes, agora o peito de Zamprona resplandecia, e reaprendia, enfim, um nobilíssimo sentimento. E ele fixara-se dentro de si como tatuagem viva e irremovível. Foram quase três anos sem ter um alguém que lhe fizesse sentir o que sentia agora. O amor, esse amor que todos buscam e que são a razão da vida? Bem, esse era algo que deixara no passado, que se apagara quando da morte da mulher que iria, com ele, subir ao altar e construir o castelo dos sonhos. Ao perdê-la, perdera junto todo o encantamento que proporciona a magia de uma relação a dois. Porém, tudo a seu tempo, agora o amor voltara, forte, intenso, vibrante, com prenúncios de eternidade, numa vida calma, tranquila e feliz. Quem era essa diva que o encantara e redesenhava as coloridas páginas dos seus amanhãs? Dentre tantas mulheres que pudessem existir, ele encontrara Linda, “como um apaixonado que, ao olhar para o céu à noite, encanta-se mais com o brilho da lua solitária do que com o cintilar das mil estrelas que a envolve”, diria um poeta. Ele, e ela, flutuavam nas alturas, sorvendo o néctar que só o amor pode destilar. Estavam, enfim, embalados numa viagem transcendental, invadindo e empíreo na via-láctea... E dela não queriam voltar tão cedo... Deixar-se levar pela nave do amor, impulsionada pelos fluídos portentosos do desejo, certamente os levariam a plácidos lugares no microespaço de um retângulo do tálamo do amor – inebriado pelo perfume da paixão...



Zé Barba era um andarilho, um catador de material reciclável nas lixeiras e caçambas das ruas de Campo Alto. Seu pão de cada dia era o que a sociedade descartava como inservível: vendia-o em depósito de “ferro-velho” e assim, honestamente, garantia sua sobrevivência.

Bem cedinho, o dia ainda a raiar, punha-se a postos, num itinerário-padrão pelas ruas e praças a garimpar, sobretudo, as “preciosidades” que as construtoras, comerciantes e moradores descartavam nas suas portas. Às 7:30h lá estava. Como um pontual relógio-suíço. Com sua carroça de lata, puxada com braços fortes, dividia com os carros e transeuntes um espaço na via pública. Tinha de agir rápido contra os “concorrentes” e antes mesmo que o serviço de coleta da prefeitura passasse. Num corre-corre no asfalto ele teria que coletar tudo que valesse alguns reais...

Com sua longa barba, predada e mal cuidada, fazia um serviço de “formiga” puxando a pesada carroça pelas subidas e descidas das intermináveis ruas do bairro: limpava-as dos “restos” materiais - os quais, pelo processo de reciclagem, transformar-se-iam novamente em matéria-prima -, que para ele era a matéria da sua subsistência. Coletava latas, plásticos, papéis - e até limpava sujidades - jogadas e abandonadas, num trabalho marginal e mal compreendido pelo público. Ele tinha consciência do seu

trabalho, pois quantas milhares de árvores e toneladas de minérios ele ajudava a natureza a poupar! Sob esse aspecto, a mãe-terra lhe agradecia e a cidade lhe devia reverências. Todavia, os olhares e adjetivos que via e ouvia não eram abonadores... Por outro lado, tinha seus méritos: embora de pouquíssima leitura ganhava o sustento, não de ajuda pública, mas com seu próprio suor, realizando um subtrabalho, digno e honesto.

Embora sem nenhum acesso a livros, estava sempre atento aos fatos que aconteciam nos trechos por onde percorria. As notícias que se espalhavam, boas ou ruins, chegavam aos seus ouvidos talvez primeiro que os mais bem informados. E ele, uma espécie de “rádio-peão”, um porta voz, propagava “as novas” por onde passava, inclusive para aqueles que não tinham, como ele, o pequeno privilégio da leitura.

Ao passar pelas bancas de jornais e revistas, lia as mensagens estampadas nas capas dos principais vespertinos para atualizar-se das ocorrências. E quantas vezes ficava indignado com reportagens e fotos de crimes e violências. E aí balbuciava para si mesmo “meu Deus, quanta gente ruim, sem escrúpulos...”, referindo-se a ataques de criminosos a bancos, escolas, ônibus; manchetes de drogas, “arrastões” em condomínios... “Esse problema eu não tenho, moro num barraco...”, pensava, julgando-se isento de qualquer risco de ser atacado. Não obstante, dentro de si alimentava a revolta, inconformado com as pessoas que tinham diplomas de faculdades e grandes oportunidades na vida e as desperdiçavam nos crimes. E assim, impotente, sem nada

poder fazer para mudar um tijolo de lugar nesse mundo onde a cobiça sobrepõe-se à honradez, seguia em marcha lenta, com a energia motriz dos seus braços a puxar a carroça, que aos poucos ficava mais cheia e pesada.

Seus olhos, perscrutadores, iam percorrendo as calçadas, escaneando pacotes e caixas de sucatas, já experiente onde tinha ou não material de valor. Foi quando, subitamente, ao remexer o conteúdo de mais uma caçamba de construção, dentre dezenas naquele dia, deparou-se com uma sacola seminova com conteúdo plástico. Pegou-a e observou-a e calculou o peso - estava pesada e parecia ser coisas úteis. Abriu-a e a remexeu. Notou que havia somente detritos de uma velha fita-cassete. Como se tratava de material plástico, lixo urbano reciclável, tinha lá um relativo valor. Jogou a sacola no fundo da carroça e pôs-se em marcha. Driblou alguns carros e motos naquela manhã friorenta e seguiu seu destino rua acima...

III

Alberto era o amante de Priscila – ela, por sua vez, era a namorada de Martin: estava formado ali um triângulo amoroso onde a relação passional poder-se-ia traduzir pelo perigoso nome de “jogo triplo...”. Ele contava uns trinta e poucos anos, moreno, forte, bem afeiçoado, ambicioso nos seus projetos de vida –

sempre megalômanos e a curto prazo. De bom nível de estudo, mas de esperteza maior, seduzira a garota com palavras doces e promessas fáceis. E essa tática fora aplicada desde os primórdios tempos de faculdade no interior de São Paulo, quando a conhecera, e ele usava parte dos mirrados reais que ela ganhava como garçonne num bar para gastarem em noitadas... Apaixonados, tiveram um namoro intenso e breve. Agora, nesses derradeiros meses, se reencontraram depois de longo tempo longes e o amor ressurgira, com força, energia, intensidade...

Jovens, ambiciosos e seduzidos pelo “tudo agora, a qualquer preço futuro”, formaram um casal mais matéria que espírito, uma simbiose de sagacidade, por parte dele, e ingenuidade, da parte dela. Uma combinação bombástica, mas factível para ele que tinha um horizonte de amanhã não maior que o alcance dos olhos. Aliás, ele queria se fazer mestre em como conquistar tudo sem fazer nada. E ela deixara-se levar por aquele “cara”, assim, fácil, qual uma folha solta levada pelo vento...

Eram duas vidas sem porvir, do viver agora e o depois que importa?, e que maquiavelicamente se uniram e um só destino fora escrito. De poucas posses, ele queria muito, em breve tempo. “Você é um bon-vivant!”, dizia ela jogando palavras no ar, incisiva, a olhar sua leniência, instando-o a conquistar através do esforço sadio – e ele nem movia o corpo do sofá. “Você é que tem a chave da casa da moeda...”, retrucava ele, rindo, em tom provocador, referindo-se ao jornalista que estava prestes a abastecer suas contas bancárias. Ele reunia as poucas fichas que